

Os garimpeiros da ficção: as representações literárias mineiras do universo do garimpo de ouro e pedras preciosas

Marcos Lobato Martins¹

As atividades mineradoras presidiram a ocupação e o povoamento de Minas Gerais no século XVIII. Os serviços de lavra representaram o setor dinâmico da economia regional até o início do século XIX e, mesmo após a substituição da bateia pela enxada, a partir da década de 1830, a extração de ouro e de diamantes permaneceu significativa em muitas partes de Minas Gerais. Ainda hoje, os garimpos de metais e pedras preciosos estão presentes na Zona Metalúrgica, no Vale do Jequitinhonha, no Vale do Mucuri, no entorno de Paracatu e no Alto Paranaíba. Os garimpeiros são, por isso mesmo, personagens destacadas da formação histórica mineira. Eles sempre atraíram e despertaram curiosidade.

Este destaque histórico da mineração, dos garimpeiros e dos faiscadores produziu reflexos na literatura regional². Diversos memorialistas e escritores, principalmente a partir do século XIX, abordaram o universo da mineração, produzindo narrativas sobre o funcionamento das lavras, as relações sociais que envolviam os garimpeiros e faiscadores, as paixões e os conflitos que moviam as gentes fixadas nas cercanias das terras minerais. O quadro abaixo enumera parte das narrativas literárias que tratam da exploração do ouro e das pedras preciosas:

Obras literárias sobre o garimpo

Autor	Nome da Obra	Época
Joaquim Felício dos Santos	Cenas da vida do garimpeiro João Costa	±1870
Bernardo Guimarães	O garimpeiro	1872
Marcelino José das Neves	Lavras diamantinas	1870
Helena Morley	Minha vida de menina	1893-95
Cecília Meireles	Romanceiro da Inconfidência	1953
Agripa Vasconcelos	Gongo Soco	±1960
Autran Dourado	O Monte da Alegria	1990
Duílio Gomes	Fogo verde	1990
Otto Paulino	O estranho mundo do Dr. Boaventura	1977
Oswaldo França Jr.	De ouro e de Amazônia	1989

No conjunto destas obras da literatura regional, emergiram representações do garimpo e do garimpeiro que alcançaram grande difusão nas camadas letradas da sociedade. Estas representações literárias, na medida em que serviram de base para filmes e novelas de televisão, obtiveram ainda maior circulação no interior da cultura de massas brasileira³. O objetivo deste trabalho é vasculhar nestas obras as representações sobre os garimpeiros, de maneira a iniciar a análise de seus elementos e de suas variantes, em conexão com o momento histórico em que foram produzidas.

1- O garimpeiro como homem bom e herói civilizador

A imagem do garimpeiro como um herói romântico, símbolo da alma simples e boa do povo brasileiro, devotado ao trabalho, apegado à liberdade e dotado de rígido sentido de lealdade, justiça e solidariedade começou a ser forjada em meados do século XIX. Na literatura regional, os dois grandes autores que fizeram do garimpeiro uma espécie de herói civilizador foram Joaquim Felício dos Santos e Bernardo Guimarães. Críticos da Monarquia e da ordem escravocrata, mergulhados nas águas do Romantismo e do Republicanismo, ambos os autores apresentaram o garimpeiro como a contribuição original de Minas Gerais para a formação da identidade nacional.

Para Joaquim Felício dos Santos, os garimpeiros eram o grupo que melhor exemplificava os efeitos altamente nocivos do despotismo fiscalista sobre o tecido social. As perseguições sofridas por eles foram descritas com riqueza de detalhes pelo intelectual e senador do Tijuco. Apesar dos excessos que as autoridades cometiam contra os garimpeiros, Felício dos Santos ressalta a dignidade do comportamento deles. Os garimpeiros não se confundiam com bandidos, possuíam uma espécie de código de conduta, valorizavam a lealdade e “*respeitavam a vida, os direitos, a propriedade de seus concidadãos*”⁴. Ainda conforme Felício dos Santos, outras qualidades típicas do garimpeiro, forjadas pelo seu modo de vida peculiar, baseado na formação de pequenos grupos solidários sob o comando de um “capitão”, seriam a coragem e a lealdade. O seguinte trecho das *Memórias do Distrito Diamantino* evidencia a posição do autor:

*“Nunca o garimpeiro agredia as tropas reais, mas, quando acometido, sabia defender-se com coragem, e quase sempre as rechaçava, se o combate se travava em igual número e condição, porque combatia para salvar a vida e a liberdade: quando vitorioso, voltava pacífico para o trabalho e não procurava tirar proveito da vitória; e quando vencido e prisioneiro, no meio dos maiores sofrimentos, por que o faziam passar, não traía seus companheiros e nem confessava os cúmplices, que poderia comprometer”*⁵.

Para o escritor diamantinense, outros valores centrais dos grupos garimpeiros eram o gosto pela vida livre e aventureira, o espírito pacífico, a dedicação ao trabalho e a capacidade de resistir a sacrifícios. Em *Cenas da vida do garimpeiro João Costa*, Felício dos Santos apresentou o que acreditava ser também uma característica dos pequenos mineradores:

*“Será para outros um triste viver andar sempre proscrito, foragido, perseguido, exposto à morte a cada momento, não tendo abrigo certo, dormindo ao relento ou disputando os covis às feras, hoje na abundância, amanhã sofrendo o frio, a fome, a sede... mas para mim não: encontro prazer nessa vida. Aqui ao menos respiro o ar da liberdade”*⁶.

Aqui está expressa a familiaridade que os garimpeiros teriam com as oscilações da “fortuna”: hoje ricos, amanhã pobres. Em Felício dos Santos, portanto, aparece a idéia do garimpo como uma espécie de jogo de azar. Esta idéia sofreria muitas elaborações posteriores, como na obra de outro diamantinense, Aires da Mata Machado Filho⁷.

As narrativas das vidas de garimpeiros famosos (João Costa, José Basílio de Souza, Isidoro), que atuaram na região de Diamantina entre 1770 e 1809, escritas por Felício dos Santos, contribuíram para fixar uma representação positiva do pequeno minerador: um herói popular em constante luta pela liberdade, um símbolo da resistência à opressão governamental, homem de vida simples pautada por um código de conduta no qual a solidariedade e a lealdade são valores centrais. Eis o mito romântico do garimpeiro.

Mito alimentado pelo romance *O Garimpeiro*, de Bernardo Guimarães, que narra a história de amor e aventura nos sertões de Minas Gerais, na região de Bagagem, próxima a Patrocínio, envolvendo o garimpeiro Elias e Lúcia, filha de um Major (fazendeiro e depois minerador arruinado), para quem só interessava casar a moça com um pretendente endinheirado⁸. Para lutar pela mulher que amava, Elias, moço pobre, resolveu tornar-se garimpeiro, como seu pai havia sido na Diamantina. Após muitas tentativas e sofrimentos, o garimpeiro encontrou uma lavra rica e realizou o sonho de casar-se com Lúcia. Nessa ficção, Elias é construído dentro da fôrma inteiriça do “homem bom”. Suas qualidades morais, físicas e intelectuais são notáveis: trabalhador, perseverante, leal, honesto, dedicado, sensível, inteligente, simples e capaz de suportar os maiores sacrifícios e reveses da sorte. Sua força de espírito também tem sustentação na componente da fé: nas promessas feitas a Nossa Senhora do Patrocínio e nas adivinhações de uma cigana.

Paralela à transformação do garimpeiro em herói romântico, ocorre no texto de Bernardo Guimarães a caracterização da atividade garimpeira como jogo de azar. Conforme suas palavras, “*há mais garimpeiros arruinados do que baguaçus por esses matos. Este*

*garimpo não anima; é como loteria, em que só há sortes grandes, e essas muito poucas. Aparecem de tempos a tempos grandes diamantes; (...) ganha um por cem que perdem*⁹.

Segundo Bernardo Guimarães, os garimpeiros, mesmo sabendo que os diamantes não chegam para todos, persistiriam nessa atividade, porque ela “*seduz e cega o homem mais do que a mesa do jogo ou a meretriz artificiosa*”. Deve-se ressaltar, contudo, que o romance do escritor ouropretano, a despeito da visão idealizada do garimpeiro representado pela personagem Elias, refere-se às regiões mineradoras com certa dose de realismo. Há lugar para o reconhecimento das desconfianças e tensões recíprocas que opõem donos de lavras e garimpeiros. Também são apresentadas as diferenças de interesses entre comerciantes e garimpeiros, resultando na denúncia da exploração dos pequenos mineradores pelos mercadores. Quanto ao Estado, Bernardo Guimarães compartilha dos pontos de vista de Joaquim Felício dos Santos: as autoridades governamentais nas áreas mineradoras só teriam olhos para os impostos e para os interesses dos grandes.

Escritos entre 1893 e 1895, editados pela primeira vez em 1942, os diários de Helena Morley traçaram interessante painel da vida de uma família de mineradores de Diamantina nos fins do século XIX, a partir da perspectiva de uma jovem de cerca de quatorze anos recém-admitida na Escola Normal da cidade¹⁰. Sobre o garimpo, a normalista deixou muitas referências ao longo de seu diário: os serviços de mineração de seu pai, os seus diversos sócios, os compradores de diamantes, os contatos das crianças com as lavras, os modos de garimpar etc. Para Helena Morley, a garimpagem era um trabalho penoso, que implicava em considerável desgaste físico, e que prometia muito mais do podia de fato oferecer. A propósito das tentativas de seu pai, ela escreveu: “*vive sempre esperando dar num cascalho rico; mas é só esperança, esperança, toda vida*”¹¹. O garimpo surge nos diários da normalista associado às noções de sacrifício, de sorte, de riqueza efêmera ou ilusória. O garimpeiro, por sua vez, aparece como uma pessoa que não sabe e não consegue fazer outra coisa: “*na nossa família os homens só sabem ganhar dinheiro na mineração. Para o comércio nenhum tem jeito*”¹². Todos os garimpeiros mencionados no texto de Helena Morley são homens de hábitos e gosto simples, que prezam a lealdade e a honestidade, que encontram prazer na vida do mato mais do que na da cidade. Homens que conhecem os segredos da natureza e que a desafiam na medida certa.

Neste sentido, a imagem dos garimpeiros contida na obra *Minha vida de menina* pertence à tradição iniciada por Felício dos Santos, a quem Helena Morley certamente leu, por ter sido aluna da Escola Normal Oficial de Diamantina, educandário onde o senador lecionou alguns anos.

Mais de cem depois da publicação dos escritos de Joaquim Felício dos Santos e Bernardo Guimarães sobre os garimpeiros, o contista Duílio Gomes retoma a senda aberta por eles. Parte da série “Romances da História”, publicada pela Editora Lê, a obra de Gomes – *Fogo Verde* – gira em torno da lendária bandeira de Fernão Dias Paes Leme e da busca das esmeraldas de Vapabuçu¹³. Nesta novela, o autor deixa-se seduzir pela personagem do aventureiro que carregava o sonho da riqueza mineral como uma obsessão e se imolou por ele.

Em *Fogo Verde*, Fernão Dias e seus ajudantes imediatos – Francisco Horta, Borba Gato, Matias Cardoso, seu filho Garcia, Pedro Leme do Prado – são pintados com cores positivas. Homens simples e corajosos, sem medo do trabalho duro, dotados de grande resistência física, os bandeirantes-mineradores de Duílio Gomes queriam “*camaradagem, ordem e disciplina*”¹⁴. Por outro lado, eles nunca admitiam “*orgias, libertinagens sem freio, bebedeiras irresponsáveis*”¹⁵. Estes desbravadores do sertão, semeadores de roças, povoados e lavras, seriam homens exigentes com seus companheiros e comandados, ao mesmo tempo alegres e capazes de atitudes e palavras consoladoras. Os bandeirantes-mineradores do novelista mineiro tinham muita fé em Deus e na Virgem, aprendiam rapidamente os segredos

da natureza por meio da observação atenta de seus elementos e processos. Formavam grupo solidário e irmanado, sem espaço para brigas e intrigas. Por isso, não toleravam a traição: o próprio Fernão teria mandado pendurar na forca o filho José Dias, porque sobre ele pesava a suspeita de planejar matar o pai, com o fim de usurpar a chefia da bandeira.

Entre os traços de caráter dos bandeirantes-mineradores de Duílio Gomes e a imagem do garimpeiro construída por Felício dos Santos e Bernardo Guimarães existe elevada concordância. Os garimpeiros, herdeiros diretos dos homens que integraram as bandeiras de prospecção mineral, seriam, como estes últimos, heróis civilizadores.

2- O garimpeiro como gente ínfima e turbulenta

Rivalizando com a tradição do garimpeiro como herói civilizador existe uma outra, cujas origens remontam ao fim do período colonial. Trata-se da tradição segundo a qual os garimpeiros são homens dominados por instintos e paixões negativas, que habitam mundos de desordem e violência.

Um marco inicial desta tradição pode ser encontrado nos escritos de José Vieira Couto, naturalista, mineralogista e médico formado em Coimbra, membro de poderosa família do Arraial do Tijuco. Vieira Couto foi encarregado pela Rainha D. Maria I de realizar uma viagem de estudos na Comarca do Serro Frio, com o objetivo de descrever suas riquezas minerais e as condições em que se encontrava o seu aproveitamento. Desta viagem resultou sua *Memória sobre as Minas da Capitania de Minas Gerais*, escrita em 1801¹⁶.

Durante seus trabalhos, Vieira Couto comandou o grupo de garimpeiros de Isidoro numa expedição de reconhecimento da Nova Lorena Diamantina, ocasião em que deixou uma descrição deste famoso líder garimpeiro:

*“O capitão Isidoro era, a cuja voz e aceno se movia todo este rancho (de garimpeiros), homem pardo, maior de cinqüenta anos, de muito poucas palavras, e estas muito atenciosas e corteses; mas de gênio retrincado e sagaz, e a cujos dotes deveu ele a prerrogativa de sempre dominar sobre grandes enxames de tal gente”*¹⁷.

As qualidades pessoais atribuídas por Vieira Couto ao capitão Isidoro contrastam com a maneira claramente negativa que o mineralogista utiliza ao se reportar aos comandados do capitão, os garimpeiros. Ele considerava os homens do grupo de Isidoro “*gente ínfima e de costumes tais, como pedia seu péssimo e infeliz gênero de vida*”. Ponto de vista típico de um elemento da elite colonial a serviço das autoridades portuguesas, que tendia a considerar os garimpeiros como homens degradados, rudes e perigosos à boa ordem social.

Esta representação dos garimpeiros permaneceria viva, entretanto, mesmo após o término da dominação portuguesa. Ressurgiria na época do Segundo Império e, posteriormente, em pleno século XX. Na década de 1870, uma voz isolada e débil, confinada praticamente aos sertões da Bahia, fazia contraponto ao desejo de Felício dos Santos de fazer do garimpeiro um herói republicano brasileiro. Tratava-se do escritor e professor de Caitité, Marcelino José das Neves, autor de *Lavras Diamantinas*¹⁸.

O romance, cujo palco é a região de Lençóis, na Chapada Diamantina, narra os conflitos e os sofrimentos que envolveram a família simples do garimpeiro João, sua mãe viúva Maria e a irmã Joantina, sina triste colocada em movimento pelo espírito torpe e vingativo do capitão Antônio Muniz, dono de lavra enriquecido, originário das minas de Paracatu. Para o escritor baiano, as áreas de mineração afiguram-se como campos provisórios, onde dominam caminhos imprestáveis, habitações mal-acabadas, povoados improvisados, comércios miseráveis, população desenraizada. Mundo precário, violento, perigoso, construído em torno da esperança frustrada do enriquecimento rápido. O garimpo é retratado como lida incessante, esmagadora, de trabalhos excessivos; os que vivem ao redor das lavras ficam submetidos à ação do despotismo privado. Espertezas, traições e achaques são

rotineiros onde há mineração. Na trama do romancista baiano, há uma ausência contínua e escandalosa: a da autoridade estatal.

O garimpeiro de Marcelino Neves é homem robusto e de força, aventureiro, empreendedor, ardente de ambição. Espírito teimoso e ignorante, não abre mão de prazeres grosseiros: bebida, comida, jogo e sexo. Cruel e vingativo, o garimpeiro desconfia sempre dos outros mineradores e até de amigos e familiares. Conforme suas palavras, os garimpeiros são *“viciosos, divididos às vezes por ódios de indivíduo para indivíduo, matando-se por um copo de cachaça, uma palavra mal entendida”*¹⁹.

Sobre a origem dos garimpeiros da Chapada Diamantina, Marcelino Neves escreveu:

*“São pela maior parte a escória das povoações do interior, muitos deles desertores, vagabundos, e, não raro, grandes criminosos. Por falta de polícia, em plena liberdade, sem laços morais que os prendam, turbulentos, ousados, vagam de serviço em serviço, de serra em serra, de comércio em comércio, bastando-lhes para essa vida o pequeno saco, a bateia e a pouca ferramenta de trabalho”*²⁰.

Na opinião de Neves, a gente das catas é composta por homens rudes que, reunidos por qualquer motivo, constituem uma massa bruta e flutuante, instrumento cego e terrível a mercê do primeiro que a possa manejar. Na perspectiva do autor baiano, a solidariedade que une os garimpeiros é de natureza vil, uma vez que é *“espírito de classe por interesse, ou por gosto da novidade e turbulência, feição muito pronunciada nessa classe de homens (...) que a condição única de pobreza reuniu num mesmo modo de viver”*²¹.

Na trama do romancista baiano, há uma ausência contínua e escandalosa: a da autoridade estatal. Pode-se inferir que, para ele, esta seria a única força capaz de impor ordem e civilidade nas áreas de mineração. Contra Felício dos Santos, que denunciava o estado monárquico pela opressão que exercia sobre os garimpeiros, Marcelino Neves queria o Estado presente, vigilante e atuante na Chapada Diamantina, senão não haveria freio para a turbulência social nas terras minerais. Institucionalização, ordem, controle social, regulação e fiscalização das atividades minerárias parecem ter sido as preocupações (conservadoras) que moviam a pena de Marcelino Neves.

Mais de oitenta anos depois, na segunda metade do século XX, outros escritores retomaram a figura do garimpeiro turbulento e desordeiro, desta vez para participar do debate nacional sobre a construção do desenvolvimento (industrial) e da democracia no país, a modernização da sociedade e das instituições, a superação do dualismo característico do subdesenvolvimento. Neste contexto, o garimpo e o garimpeiro tornaram-se símbolos do atraso (econômico, social e político) do interior brasileiro.

A poetisa Cecília Meireles, combinando dado histórico e invenção, comentou liricamente um dos episódios capitais da história brasileira: a Inconfidência Mineira. No seu *Romanceiro da Inconfidência*, publicado em 1953, há versos dedicados aos labores da mineração e às gentes que exploravam as lavras de ouro e diamante²². Logo ao esboçar o cenário da conjuração, a poetisa escreveu sobre a intensidade da opressão estatal que recaiu nas costas dos habitantes de Minas, por causa da voracidade fiscal da máquina administrativa: *“Da brenha tenebrosa aos curvos montes, / do quebrado almocafre aos anjos de ouro / que o céu sustêm nos longos horizontes, // tudo me fala e entende do tesouro / arrancado a estas Minas enganosas, / com sangue sobre a espada, a cruz e o louro”*²³. A contraposição irreduzível de interesses entre o Estado e os mineradores é traço condutor do poema famoso, explicação dos martírios a que foram submetidos os povos das Minas. Desde o alvorecer da ocupação da Capitania do ouro, os agentes do Estado são semeadores de injustiças e de morte: *“Vieram cavalos de fogo: / são do Conde de Assumar. / Pelo Arraial de Ouro Podre, / começa o incêndio a lavrar”*²⁴.

Para Meireles, o mundo da mineração era intrinsecamente turbulento, desordenado, injusto, violento. Nas zonas de ricas lavras predomina entre os habitantes o ódio, a cobiça, a inveja. Abundam ladrões e contrabandistas, bem como as disputas de famílias por privilégios,

favores e datas de terras minerais. Crescem os impostos “*e as cadeias vão subindo (...) Os reis querem seus tributos, / - mas não se encontram vassalos*”²⁵. A poetisa sentencia, sem meias palavras: onde há lavras de ouro e diamantes, “*ninguém dorme tranqüilo, / que a noite é um mundo de sustos*”²⁶. As áreas de garimpo seriam espécie de avesso necessário da civilização, partes do país repletas de abominações, perigos e desespero, em razão de “*que a sede de ouro é sem cura, / e, por ela subjogados, / os homens matam-se e morrem, / ficam mortos, mas não fartos*”²⁷. Quanto aos garimpeiros, que percorrem muitas léguas de rios e medem de alto a baixo os montes, à procura de cascalho que contenha ouro e pedras preciosas, Cecília Meireles considera que são “homens desgrenhados”, rudes e bravos, alucinados, teimosos, avarentos e ambiciosos. Seus destinos seriam ingratos, por causa do peso enorme de seus pecados. Os garimpeiros “*se entreolham / com duras pupilas de aço; / (...) uns aos outros se destroçam / com seus facões e machados: / companheiros e parentes / são rivais e amigos falsos*”²⁸. Nas áreas de mineração, o ouro e as pedras preciosas, tão claros, teriam o poder de transmutar os homens em monstros, porque tudo turvariam: honra, amor e pensamento.

Visão semelhante do garimpo e do garimpeiro surge na obra de Otto Paulino, *O estranho mundo do Dr. Boaventura: crônicas do Jequitinhonha*, publicada em 1977²⁹. Principalmente no conto “Os senhores da terra”, o escritor, nascido na zona da mineração, fornece ao leitor sua compreensão do garimpo. O faisgador Badu, migrante do sertão do norte mineiro para o Vale do Jequitinhonha, depois de muito trabalhar e sofrer, tanto no campo como na cidade, encontra uma lavra de turmalinas. Começa a obter bons resultados, mas é descoberto por Romualdo, filho cruel do temível fazendeiro Teófilo Miranda. Sob enormes violências dos capangas comandados por Romualdo, Badu tem seu dinheiro e partidas de pedras tomados, e, em seguida, é expulso da área. O faisgador, remoendo de ódio, passa anos numa cidade distante, trabalhando numa pequena fábrica de manteiga. Após formar bom pecúlio, retorna para levar a cabo sua vingança. Um a um, Badu mata os capangas de Romualdo, capa o rapaz e mata Teófilo, pagando com a própria vida a realização da vendeta.

Neste conto, o garimpo apresenta-se como competição acirrada e desleal, universo de tremendas violências e desconfianças, dominado pela informalidade corruptora. A violência alcança os pequenos proprietários de terras onde são encontradas ricas jazidas, que têm suas terras tomadas pela força dos jagunços. Alcança também os garimpeiros, para roubar-lhes as pedras preciosas e as boas catas. O aparelho policial do Estado é parte deste turbilhão de violência, porque a polícia age como braço dos homens de fortuna e dos chefes políticos a eles associados. Não resta ao garimpeiro e ao faisgador senão a alternativa de andar sempre prevenido, ressabiado, com garrucha e facão à mão. Sua segurança depende também do segredo: o garimpeiro deve desconversar sobre suas atividades e descobertas, prestar somente informações vagas. Cabe ao pequeno minerador desconfiar dos empregados nos serviços, que podem tentar furtá-lo; dos comerciantes, que roubam no preço das pedras e no valor dos mantimentos; e dos outros mineradores, pois há muito olho gordo e alguém poderia dar com sua cata.

Para Otto Paulino, o garimpeiro tem as qualidades da esperança, disposição e a arte da dissimulação, mas é um pobre coitado, pouco instruído e racional, que vive vida sofrida e sonha pequeno, além de ser privado de muitas amizades. Seu modo de vida é rústico, seus valores e conceitos toscos; apenas concebe uma justiça do talião. Conforme Paulino, a superstição acompanha o garimpeiro, cuja visão do mundo é basicamente mística. Para este contista, a existência do garimpo e do garimpeiro revelaria o atraso do país, o quanto ainda resta de terras e homens para civilizar, modernizar, inserir na racionalidade do capitalismo e do Estado de Direito.

3- Considerações finais

Os dois conjuntos de representações literárias sobre o garimpo e o garimpeiro, sujeitas a reelaborações contínuas que o tempo se encarrega de efetuar, não são excludentes e nem têm o mesmo peso. Há elementos comuns nas duas representações, fato que se explica porque a literatura regional e a crônica de costumes manipulam dados históricos, mesclando-os com a imaginação. Estes tipos de narrativas não são simplesmente falsas, porque os elementos selecionados para a composição desses discursos, mesmo manipulados e reelaborados, não são arbitrários. Os “traços sócio-culturais” que eles contêm são efetivos porque são amplamente reconhecidos e porque fazem parte do senso comum, ou seja, estão enraizados na cultura regional.

Mesmo estereotipadas, as representações sobre o garimpo e o garimpeiro sustentaram práticas políticas e culturais, atendendo a interesses de grupos historicamente ligados ao controle da mineração. Elas interferiram no processo de construção de identidades e na ação coletiva de grupos sociais vinculados ao garimpo³⁰. São, portanto, parte de formulações ideológicas e, como tal, instrumentos na luta política que permeia as sociedades mineradoras. A eficácia destas representações reside na capacidade que elas têm de dar especificidade e unidade a realidades histórico-sociais e, simultaneamente, fornecer orientação e finalidade às atividades econômico-funcionais e às práticas culturais³¹.

¹ - Doutor em História Econômica pela USP. Professor das Faculdades Pedro Leopoldo e Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina (FAFIDIA/UEMG).

² - Garimpeiros e faiscaidores são trabalhadores da pequena mineração, quase praticada na clandestinidade ou informalidade. O faiscaidor é o minerador isolado, que pratica a cata com o auxílio de poucos instrumentos, como a bateia e o almocafre. O garimpeiro trabalha em grupos, sob o comando de um “dono de serviço”, fazendo jus a uma parte do resultado alcançado com a apuração do cascalho.

³ - Tome-se, a título de exemplo, o sucesso da novela “Irmãos Coragem”, exibida pela Rede Globo de Televisão na década de 1970 e novamente há poucos anos atrás, desta vez com locações em Curralinho (distrito de Diamantina).

⁴ - SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do Distrito Diamantino*. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 99.

⁵ - *Idem*, p. 99.

⁶ - SANTOS, Joaquim Felício dos. Cenas da vida do garimpeiro João Costa. In: EULÁLIO, Alexandre. *Folhetins Inacabados*. 1978. p. 82-83. Biblioteca Antônio Torres, IPHAN-Diamantina.

⁷ - Ver FILHO, Aires da Mata Machado. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. A obra foi publicada originalmente na década de 1940.

⁸ - GUIMARÃES, Bernardo. *O garimpeiro*. São Paulo: Ática, 1993.

⁹ - *Idem*, p. 56.

¹⁰ - MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

¹¹ - *Idem*, p. 49.

¹² - *Idem*, p. 166.

¹³ - GOMES, Duílio. *Fogo Verde*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990.

¹⁴ - *Idem*, p. 12.

¹⁵ - *Idem*, p. 42.

¹⁶ - COUTO, José Vieira. *Memória sobre as minas da Capitania de Minas Gerais. Suas descrições, ensaios e domicílios próprios. À maneira de itinerário*. (1801) RAPM, X, 1905.

¹⁷ - *Idem*, p. 95.

¹⁸ - NEVES, Marcelino José das. *Lavras Diamantinas*. Salvador: Fundação Gonçalo Moniz, 1967. A obra foi escrita no ano de 1870.

¹⁹ - *Idem*, p. 58.

²⁰ - *Idem, ibidem*.

²¹ - *Idem*, p. 37.

²² - MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

²³ - *Idem*, p. 16.

²⁴ - *Idem*, p. 30.

²⁵ - *Idem*, p. 25.

²⁶ - *Idem, ibidem*.

²⁷ - *Idem*, p. 23.

²⁸ - *Idem*, p. 21.

²⁹ - PAULINO, Otto. *O estranho mundo do Dr. Boaventura: crônicas do Jequitinhonha*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1977.

³⁰ MARTINS, Marcos Lobato. *Identidades sociais e ação coletiva: o caso dos garimpeiros da microrregião de Diamantina*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1997. (Dissertação de mestrado).

³¹ CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.